



PADRÃO NA PRAÇA DE N. SENHORA DA OLIVEIRA EM GUIMARÃES.

GUIMARÃES.

1.º

Bênço da monarchia e primeira côrte de Portugal foi a famosa villa de Guimarães, illustre por estes gloriosos titulos, e sempre importante pela activa industria, que a tem feito opulenta. Está situada n'uma veiga fertil e aprazivel entre os dois rios Ave e Vizela, a tres leguas ao nascente de Braga, de cujo arcebispado depende pelo que toca á jurisdicção espirital; nos seus arredores ha muitas e deliciosas quintas.

Querem alguns que seja esta villa o assento da cidade de Araduca, de que Ptolomeu faz menção; é porem incerta a conjectura. Mas no meio de varias hypotheses ninguem poderá disputar-lhe veneranda antiguidade; porque os reis de Leão a tomaram aos mouros, o que prôva que já por esses tempos era terra d'alguma consideração. Pôde bem ser que fosse possuida por algum senhor godo; chamado Vimarano, e que deste lhe viesse o nome. Todavia é necessario distinguir a Guimarães antiga da moderna Guimarães. Affirma o P.º Carvalho que a primeira fundaram os gallo-celtas, quinhentos annos antes da era christã, em sitio mui alto entre os dois rios acima mencionados: e a erecção da nova villa é geralmente attribuida á condeça Mumadona, tia de D. Ramiro, o 2.º, de Leão, e viuva de Hermenegildo, conde de Tuy e do Porto, e governador da provincia d'Entre Douro e Minho, a qual, possuidora d'uma grande quinta e outros senhorios em Guimarães, ahi fundára um mosteiro, onde se recolhesse por morte de seu marido. E porque nesses tempos era trivial habitarem no mesmo edificio, ainda

que formando conventos distinctos, os monges e freiras, antes que S. Gregorio Papa, e depois d'elle, especialmente na Galiza e Portugal, Paschal 2.º, vedassem similhante abuso e escandalo, foi o mosteiro de Mumadona destinado para religiosos tanto d'um como do outro sexo. Quando porem o conde D. Henrique, illustre progenitor dos nossos monarchas, assentou a sua côrte em Guimarães, já o convento era exclusivamente de frades da Ordem benedictina.

Foi esta casa religiosa o núcleo da moderna povoação; e querendo a condeça Mumadona preservar a sua fundação, e os christãos visinhos, dos ataques e invasões dos mouros, mandou edificar um castello sobre forte penedia no alto da villa velha, entre o norte e o nascente, ficando no meio uma torre antiga fechada, á entrada da qual n'uma pedra estavam esculpidas as palavras *via-maris, caminho do mar*, de que alguns, talvez com pouco fundamento, quizeram deduzir o nome alatinado de Guimarães, *vimaranes*; sendo mais provavel que esta palavra seja d'origem goda. Dentro deste castello, que existe de pé, ainda se notam vestigios dos paços do conde D. Henrique; assim como permanece o paço do 1.º duque de Bragança, que o fez construir com solidez e magnificencia; e actualmente está convertido em quartel militar.

Quando D. Affonso 6.º de Castella casou sua filha, D. Theresa, com o conde D. Henrique, deu-lhe em dote as terras que em Portugal estavam isentas do poder mauritano, em que entrou Guimarães, e assim todas as mais que podesse ganhar aos barbaros. O conde estabeleceu em Guimarães a sua côrte, e mandou crear tribunaes e archivos donde se recolheram papeis interessantes sobre negocios particulares e da monarchia, os quaes foram depois trasladados

dos para Lisboa para o Tombo por mandado d'elrei D. Manuel em provisão que passou aos 13 de Maio de 1511. Nos paços reais da velha Guimarães nasceu o poderoso D. Affonso Henriques, que foi baptisado na igreja parochial de S. Miguel pelo arcebispo de Braga S. Giraldo na pia que depois, para maior veneração e memoria dos vindouros, foi trasladada para a insigne e real collegiada de N. S. da Oliveira, de que em outro artigo trataremos. Os monarchas portuguezes honraram sempre com numerosos e especiaes privilegios esta nobre villa; D. Diniz começou a guarnecela de muros; obra que D. Affonso 4.^o, seu filho, completou, acrescentando-lhe D. João 1.^o as torres que melhoraram a defeza.

Se olhar-mos agora para Guimarães no estado actual, veremos que, desfructando a primazia de ser uma das maiores villas da sua provincia, porque é povoada por mais de oito mil almas, logra os merecidos creditos de ser a mais industriosa. O seu aspecto é agradável, a sua posição excellente, os seus arabaldes abundantes e recreativos. Para dar-mos idéa da actividade que desenvolve nas manufacturas em que se distinguiu sempre, aproveitaremos as noticias estatisticas da Geographia do Sr. Urcullu, que obteve a tal respeito seguras informações locais. Ha na villa uma rua que é uma continuada fabrica de cortumes; não tem menos de 200 tanques para este mister; e produz annualmente este ramo acima de 32:000 couros no valor de cem contos de réis; alem do que nos arredores ha fabricas da mesma manipulação que produzem a importancia de 50 contos annuaes proximamente. Ha vinte annos que esta industria tem duplicado á vista do que d'antes era; mas por outro lado o commercio das *linhas*, *pannos de linho e ferragens* tem decahido depois do tratado de 1810 e da independencia do Brasil: todavia ninguém ainda hoje negará o incontestavel merecimento dos tecidos de linho adamascados, fabricados em Guimarães, que em duração e primor d'obra por certo que não tem rival. A boa tèmpera das peças de cutelaria, que nesta villa se manufacturam, attribuem alguns á excellencia e propriedade das aguas; mas se isto não é querer dar desconto ao bom trabalho dos operarios, aqui teremos mais um privilegio do territorio onde é sita Guimarães. Calcula-se pois que os tres ultimos productos industriaes, que apontamos, não rendem mais de oitenta contos de réis por anno, expedidos tanto para o reino como para o Brasil. Os doces de fructas confeitados nesta villa, principalmente ameixa e figo, que se exportam em caixinhas, com muita especialidade para Inglaterra, são uma verdadeira tentação dos gulosos, que possuem a *delicada critica dos prazeres do paladar*; e para nós, que não somos gulosos confirmados, são tidos e havidos pelos doces mais saborosos a par das estimadas laranjas confeitadas na ilha de S. Miguel: este objecto parecerá pouco importante, pois saibam os curiosos que no anno de 1835 montou a seis contos de réis. A legua e meia da villa junto ao rio Vizella ha duas boas fabricas de papel, cuja extracção, termo medio, se reputa em onze contos de réis: e a uma legua para o sul estão os afamados banhos conhecidos pelo nome de *Caldas de Vizella*, já frequentados em tempo dos romanos, que alli tinham levantado um templo á deusa Ceres: hoje pela efficacia de suas aguas em varias molestias são muito procurados por grande numero d'enfermos.

A estampa que precede este artigo representa o padrão collocado defronte da porta da real collegiada de N.^a S.^a da Oliveira; e consta ter sido erecto por D. Affonso 4.^o; mas o P.^o Carvalho que não dá o motivo, transcreve uma inscripção aberta em lamina

de bronze na hastea inferior da cruz, que diz que Pedro Esteves, natural de Guimarães, mercador e morador em Lisboa, filho d'Estevão Garcia a mandára fazer em 1380 aos 8 dias do mez de Setembro. Verdade é que de levantar o padrão a inaugurar a cruz vai muita differença. O monumento, que existe ao presente, consta de quatro arcos que se levantam sobre outros tantos pedestaes, e são de molduras muito bem lavradas, e no panno da parede de cada um dos arcos está um escudo d'armas de D. Affonso 4.^o, por onde claramente se vê que a obra se fizera por mandado deste nosso monarcha. Dentro deste padrão, o que a estampa não deixa ver, está um cruceiro de pedra no gosto gothico com o Senhor crucificado e outras imagens, e o pedestal da cruz é guarnecido de degraus á feição d'escadas. — «Tinha antigamente uma grade de pau com que se fechava, e naquelle tempo não havia serventia por dentro d'elle como hoje ha. Tinha ao pé do cruceiro, que dentro d'elle se poz, uma pedra vazia por dentro, fechada com uma cobertura de ferro com um buraco, por onde os devotos e os romeiros offertavam suas esmolos, as quaes eram de repartição do Cabido, e rendiam tanto que sendo dos priores *in solidum* a igreja de S. Pedro de Azurey trocaram o rendimento della dando-o ao Cabido pelo rendimento daquella pedra, cujo contracto se guarda no seu cartorio; e como se acabou a devoção se acabou com ella o rendimento da pedra, que ainda hoje existe no mesmo lugar. — »

Toda a praça é cercada de casas d'alpendrada sobre columnas de pedra, mostrando a nossa gravura só um simples esboço para designar que o contorno daquelle terreiro é rodeado de edificios, os quaes estão muito bem conservados: entre norte e nascente a fecho a real collegiada, e da parte que fica entre poente e norte estão as casas da camara e audiencias, que são corôadas d'ameias; e no alto de suas paredes tem dois escudos d'armas reais entre duas esferas, que fazem frente para o padrão.

SÔBRE A ALMA.

A distincção que se nota entre o homem e os brutos consiste em possuir aquelle certa substancia espiritual que lhe dá uma vida differente da de todas as outras especies de entes. Os mineraes crescem; as plantas crescem e vivem; os animaes crescem, vivem e sentem; mas o homem cresce, vive, sente, e raciocina. O agente desta ultima faculdade é a alma racional.

Á excepção de Democrito, Epicuro, e seus sequazes, que sustentavam que tudo o que existia era um composto de átomos, attribuindo a combinações e mudanças casuaes das particulas da materia a existencia de cada cousa, todos os demais philosophos da antiguidade acharam na alma racional as qualidades de immaterialidade, simplicidade, *volição* (*), e immortalidade. O divino Platão foi o que mais brilhou na sustentação desta doutrina, investigando os dois seguintes pontos: — O que era a alma antes de unir-se ao corpo? O que será ella depois da morte do mesmo corpo? A sublime metaphisica daquelle illustre philosopho resolveu a seu modo estas questões. Á primeira difficuldade respondeu que a alma antes de existir temporalmente possuia idéas de verdade, formosura, e virtude; e que ainda que pela sua ligação ao corpo soffra as consequencias dos phenomenos sensiveis, conserva-se todavia na essencia livre da influencia das causas agitadoras. Á segun-

(*) Acto em virtude do qual se determina a vontade para qualquer cousa: faculdade de querer.

da questão respondeu com as consequências destes principios, isto é: — que sendo as ideas de verdade, formosura, e virtude, indivisiveis e infinitas, deve a alma ser immaterial e immortal.

Nestas rasões em que Platão só tinha o raciocinio por norte, ha bastante metaphisica, e muita exactidão. Quando elle fallava da alma, como sentimento proprio, e não em fórma de argumento, as suas ideas a tal respeito eram as mais nobres e claras, como se vê das seguintes palavras que copiámos do *Phedon*: «A alma serve-se necessariamente do corpo como instrumento, por isso que sem elle nada pôde obrar; porem quando este se dissolve, fica intacta e livre de toda a corrupção, passa a outra vida, e vive eternamente.»

Emquanto aos demais philosophos, analysar as suas opiniões a respeito da alma seria custoso empenho. O principio mais seguido entre os egypcios, gregos e romanos era que a alma formava uma parte da substancia de Deus da qual se separava quando vinha habitar o corpo do homem, voltando pela morte do mesmo homem á sua anterior origem: acreditavam portanto ser ella sempiterna, isto é: *eterna à parte ante et à parte post*: anterior e posteriormente á vida.

Os philosophos favorecidos com a revelação divina, conheceram que a alma é uma substancia espirital, que hade existir separada do corpo por toda eternidade, que porem desejando a bondade de Deus que o homem saiba esta verdade e salve a sua alma, que é o objecto mais importante, lhe deu os mandamentos que, para conseguirlo, deve observar. O conhecimento da essencia humana, bem como o da origem e natureza da alma, é portanto mais familiar aos favorecidos pela luz da Escriptura do que aos que della são privados.

A Escriptura apenas nos diz que o Creador deu vida ao homem communicando-lhe o sopro da existencia; e como de nenhuma outra especie de creatura se conta semelhante modo de criação, isso prova evidentemente que a alma do homem é mui distincta do corpo, não extrahida de substancia alguma creada antes, nem de cousa pertencente a este novo mundo, porem emanada do céu e por conseguinte espirital. Vem a alma pois a ser um espirito que habilita o homem para pensar, raciocinar, e deduzir consequências; é um espirito que lhe serve de norte para regular as suas acções, e que elevando-o até ao Creador o faz quasi igual aos anjos. Pouco importaria ao primeiro homem ignorar a natureza do sopro da vida que Deus lhe inspirou, com tanto que podesse fazer uso das faculdades e potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade. Se o homem actual imbuido nos erros de uma educação preocupada, ou enfraquecido pela intemperança e excessos pessoais ou herdados, tem força para perscrutar a natureza, achar as causas, e examinar os effeitos, qual seria o vigor e exactidão da mente do primeiro homem formada pela mão de um Deus?

A mente instruida tudo penetra: — ligeira como o vento percorre continuamente o mundo sem cansar-se: — mais clara do que a luz introduz-se no proprio centro das trevas. — Umas vezes sobe ás regiões mais remotas do firmamento; contempla os astros; mede-lhes os diametros; discorre por suas orbitas; observa-lhes a conjunção; examina-lhes o curso; calcula-lhes a velocidade; estuda as leis que os regem, e quasi que advinha o verdadeiro jogo de molas sobre que assenta e se move a prodigiosa machina do mundo planetario. — Outras vóa até á maior altura do ceu; conta as estrellas; divide-as em cons-

tellações; mede-lhes o tamanho; e lhes distingue o respectivo grau de luz. — Hoje, ousada e aventureira, passa pelo meio dos astros, e desprezando-os como inferiores a ella; vai bater ás portas do empirico em demanda do seu Creador; admira a mansão dos bemaventurados; vê o throno do altissimo cercado de cherubins; — porem temerosa de entrar na celeste córte antes de alli ser chamada, retira-se reverentemente á sua morada, e desce mais veloz do que os raios do sol, sem que haja obstaculo que lhe detenha o vôo. — Amanhaã, tocada de outros desejos, penetra as entranhas da terra, examina os leitos mineraes; classifica os fosseis, conhece as veas metaliferas; explora as cavidades subterraneas; vê combinar as materias volcanicas antes da erupção; investiga as maravilhas occultas no abysmo; percorre a vasta superficie do mar; calcula-lhe a extensão; nota-lhe as correntes; dá volta ao globo, e corre prestesmente a induzir o homem a que vá descobrir o mundo ainda incognito. — Umas vezes meditabunda, conta, coteja, separa e investiga a ordem e proporção das cousas; estabelece premissas; deduz consequências certas; associa-as a verdades descobertas, e sobre estas bases alevanta estupendos edificios da sciencia, cujos tectos chegam até o ceu: — outras vaga pelos espaços; contempla os seculos passados; examina os mais antigos acontecimentos; compara-os com os presentes; vê o que os homens praticaram em taes circumstancias, e por uma combinação de factos prognostica proximas revoluções. A mente humana pôde portanto chegar ás portas do ceu, assim como baixar ao centro da terra: — atravessar o mundo de polo a polo, rasgar o veu do futuro, e sondar o vasto oceano da eternidade.

O que temos dito, parecendo á primeira vista uma ficção poetica, é a realidade das operações mentaes da alma racional, de cujos effeitos não podemos duvidar, posto que ignoremos as causas que os produzem. Como pôde a alma vagar pelo espaço sem se ausentar do corpo? É este o privilegio das substancias espirituaes, e o mysterio da alma racional, com que o homem foi dotado. Não nos é dado conhecer a alma quando está ausente do corpo, e dentro d'elle só a percebemos pela sua influencia. Todas as operações da alma se fazem por meio das tres potencias, ás quaes só o cerebro, que recebe dos sentidos corporaes as suas impressões, pôde dar exercicio. Os sentidos põem a alma em movimento, e a alma anima os sentidos: estes fatigam-se e descansam, aquella nem se cansa nem dorme. A alma é a mesma, quer o corpo durma, quer esteja acordado; com a differença que no primeiro caso precisa de instrumentos para obrar, e no segundo opera conforme o instrumento de que mais exclusivamente se serve. Tanto a alma do compositor de musica como a do poeta parecem achar-se absortas no ouvido; a do pintor e jardineiro na vista; e nos sentidos inferiores a do homem sensual. Quando os nervos do cerebro, irritados pelo intenso exercicio de um sentido, deixam os órgãos do mesmo exhaustos ou adormecidos, então a alma obra ajudada por aquelles com maior ou menor ordem, conforme a excitação dos nervos: daqui provem os sonhos.

Taes são as operações da alma racional, e as provas sensiveis da sua existencia.

D. ISABEL DA VEIGA E ANNA FERNANDES, DE GÓA.

A PRIMEIRA foi filha de um homem nobre, cidadão de Góa, chamado Francisco Ferrão, juiz que foi da

alfandega daquella cidade, e mulher de Manuel de Vasconcellos, muito bom cavalleiro e fidalgo, natural da ilha da Madeira. Escreve della o nosso Tito Livio, João de Barros; que por suas muitas virtudes, e animo heroico, não deve ser posta em esquecimento, accrescentando logo em sua quarta Decada que era de tão honesto e auctorizado aspecto que ninguem havia que lhe não tivesse grande acatamento e reverencia. Particularmente deu singular exemplo ás casadas em quanto o foi com seu marido, a quem amava e servia com summa pontualidade, ajudando-o em tudo quanto podia, até se embarcar com elle para Diu, aonde o seguia em todos seus intentos; mas pouco tempo esteve com socego, porque vieram os turcos e começaram de combater aquella fortaleza, donde seu marido logo a quiz pôr em salvo, e manda-la com segurança para Gôa, aonde podia estar com seu pai, arreceando que se perdesse a fortaleza, e ella ficasse despojo dos turcos. Communicando-lhe esta sua determinação lhe respondeu: que não permittisse Deus que ella se ausentasse donde elle ficava; que se tinha conhecido nella alguma fraqueza, ou descuido em seu serviço, que lh'o dissesse, e que se emendaria; mas dar-lhe tão aspera pena, como era aparta-la de si, ella o não merecia; e que não cuidasse que a assegurava, apartando-a daquelles perigos, porque em sua companhia lhe não pareciam taes, o que lhe não aconteceria estando ausente, porque seu espirito andaria sempre atormentado de grandes receios e temores, e cuidando elle que a tinha segura dos inimigos a matariam imaginações; pelo que lhe pedia houvesse por bem ficasse alli ao menos para sua enfermeira, quando lhe fosse necessario; mas porque tivesse menos de que cuidar mandasse a Gôa uma filha pequena, que de entre ambos havia, porque se Deus tivesse ordenado a destruição daquella fortaleza por sua pouca idade se não perdesse. Poderam estas honestas e discretas rasões de D. Isabel da Veiga tanto, que desistindo seu marido da determinação quiz antes sua companhia com temores, que sem elles aparta-la de si, e assim lhe foi fiel ajudadora, e semelhante na fortaleza. E porque continuando-se o cerco viu que o numero dos soldados que alli havia era vindo a muita diminuição, e que lhes era necessario dividirem-se uns para pelear, e outros para servirem nos reparos, e carros de terra e pedra, e outras achegas; em que consistia sua defensão, e que dividindo-se não ficava delles numero bastante para bem acudir a uma cousa e outra; e que o ajudar a tirar e acarretar a pedra, que ia sendo muita, podiam fazer mulheres, pois não era obra de forças ou de artificio, que ellas não podessem, determinou-se a que ella, e as mulheres que na fortaleza havia tomassem sobre si esse cargo, e desoccupassem outros tantos homens para o exercicio das armas; e communicando isto com uma Anna Fernandes, de quem logo escreveremos, ambas incitaram todas as outras mulheres, de qualquer qualidade que fossem, a acarretarem em suas alcôfas e vasilhas pedra, terra, agua, e outras cousas necessarias, e com sua diligencia e exemplo obrigavam a os homens soffrer dobrado trabalho.

De Anna Fernandes escreve na sobredita Decada o mesmo João de Barros que era uma mulher honrada, de idade velha, casada com o licenciado João Lourenço Fisico, cheia de grandes espiritos, e sóra da commum medida das outras mulheres; e que em aquelle cerco de Diu, alem de acarretar pedra, como está dito, e animar as outras mulheres, que em a mesma fortaleza estavam, a fazerem o mesmo, usou de grande caridade para com os feridos e enfer-

mos, não tomando repouso: porque como anoutecia tinha de costume correr as estancias das vigias, e quando havia assaltos acudia a elles, mettendo-se com muito esforço e animo varonil em meio dos soldados, animando-os; e vendo pelejar alguns frouxamente os reprehendia e esforçava. Visitando um dia o forte baluarte dos combates achou nelle morto de uma espingardada pela cabeça a um filho que tinha, de idade de dezoito annos, bom soldado, ao qual tomou nos braços e recolheu; e como se acabou a briga lhe fez dar sepultura, com uma segurança e soffrimento que espantou a todos os circumstantes, não deixando de continuar com seus piedosos exercicios, encubriendo a dôr de tão grande perda, por não dar occasião de se entristecerem nossos soldados, aos quaes amava como filhos, e assim era amada de todos elles como se fôra mãe. — *Fr. Luiz dos Anjos. Jardim de Portugal.*

CONFLICTO EM DAMÃO CONTRA O PRINCIPE DE MOGOR.

CORRIA o anno de 1639 quando veio sobre a fortaleza de Damão um dos filhos do imperador de Mogor [que depois por morte de seu pai e irmão succedeu naquella formidavel monarchia] com um exercito de 25:000 combatentes de diversas nações, gente escolhida e veterana, em que entrava muita cavallaria, que é o principal nervo dos seus exercitos. Assentou os arraiaes sobre a praça, suppondo que era conquista de poucos dias, a respeito do seu grande poder e da nossa pouca prevenção. Acudiu D. Braz de Castro, capitão-mor do norte, e sahindo a campo com as costas nas muralhas, fez rosto ao inimigo, e por algumas vezes o picou com grande valor nos seus mesmos quartéis. Concorreram pouco depois Luiz de Mello Sampaio, D. Manuel de Menezes, e outros cavalleiros e soldados, e formando um corpo mais destemido que numeroso, sahiram na manhaã deste dia ao som de trombetas e tambores, e com as bandeiras desenroladas a desalojar os inimigos. Ganharam-lhes os vallos á custa de muitas mortes, e foram cortando com estupenda resolução por tudo o que encontravam diante; mas carregando alli o grosso do exercito contrario não puderam os nossos soffrer o peso de tão numerosos esquadrões, e começaram a ceder, retirando-se em boa ordem, e disputando cada palmo de terra com vigorosa opposição. Aqui foram feridos Luiz de Mello e seu filho Diogo de Mello; este de um pelouro que lhe quebrou uma perna, e o pai de outro, de que recolhido á fortaleza depois de dois dias falleceu. Cobertos os nossos com a artilheria da praça se retiraram os inimigos, aos quaes custou assaz cara a facção, porque perderam nella mais de sete mil homens, os mais lustrosos do seu campo; e desenganado aquelle principe de que ainda no caso da expugnação da cidade lhe seria maior a perda que a victoria, pediu pazes que lhe foram concedidas com uteis e decorosas condições, em grande gloria e reputação do Estado.

(*Ann. Hist.*)

ANTIPODAS.

A PALAVRA antipodas quer dizer "gente que occupa um logar no globo diametralmente opposto a outra gente; isto é, que tem as plantas dos pés em posição contraria ás plantas dos pés dos outros."

Os antipodas sentem todos o mesmo grande calor

e frio: os seus dias e noites tem a mesma duração, ainda que em tempos oppostos. Para estes é meio dia quando para aquelles é meia noite. O modo como está distribuida a terra e o mar faz com que no nosso globo haja poucos antipodas.

Platão sendo o primeiro que concebeu a possibilidade de haver antipodas, foi tambem o inventor do termo. Este philosopho tendo imaginado a esphericidade da terra, bastou-lhe apenas isso para se persuadir da existencia dos antipodas.

Os antigos, em geral, desprezavam esta opinião, porque por sua ignorancia das leis physicas não podiam comprehender que os homens e as arvores podessem conservar-se, aquelles pendurados pelos pés, e estas suspensas pelas raizes.

St.^o Agostinho, que era platonico, admittia a esphericidade da terra, negando todavia a possibilidade dos antipodas, com razões tão poderosas, segundo os conhecimentos cosmographicos daquelle tempo, que não seria facil destrui-las, sem demonstração. Bonifacio, arcebispo de Moguncia, e legado do papa Zacharias, declarou herege um sacerdote do seu tempo por haver sustentado publicamente a opinião da

existencia dos antipodas. O que é certo e certissimo é que sobre esta verdade, da qual ninguem já se atreve a duvidar, não se houvera lançado tanta luz, e não se acharia tão firmemente estabelecida, se os portuguezes, e depois delles outras nações, não tivessem explorado o Oriente, e dado um gyro á roda do mundo.

O irlandez Virgilio, bispo de Saltzburgo, tendo publicamente communicado nesta cidade no seculo 8.^o, e antes da sua elevação á dignidade episcopal, a existencia de outro mundo, de outros homens, de outro sol, e de outra lua, teve o desgosto de ver a sua doutrina fulminada pela santa sé, por ordem da qual se trasladou a Roma a dar conta do seu procedimento anti-christão. Não se sabe o que elle passou em Roma com o papa Zacharias; mas suppõe-se, e com mui solida razão, que ambos se compozeram, por isso que pouco tempo depois subiu Virgilio á cathedra de bispo; e tendo plantado o christianismo na Carinthia, morreu santamente em 784. O pontifice Gregorio IX o canonisou com toda a solemnidade no anno de 1233.



VISTA DA CASA DO THESOURO EM TANGERE, OU TANGER.

TANGERE — IMPERIO DE MARROCOS.

1.^o

DEPOIS que o nosso grande monarcha D. João 1.^o conquistára a forte praça de Ceuta, deixando aberta a porta para ulteriores progressos das nossas armas naquellas regiões, o infatigavel infante D. Hen-

rique diligenciou a tomada de Tangere, considerando este porto como chave do Mediterraneo; convocou seu irmão D. Duarte, tão sabio quanto infeliz, para levar a cabo seu designio; e não obstante a peste e outros flagellos, que devastavam o reino, conseguiu sahir com uma armada e gente de desembarque para Africa em 1437; mas esta expedição foi

infeliz, e nas mãos dos barbaros ficou em refens o infante D. Fernando, filho tambem de D. João 1.^o, com rasão appellidado o santo, e a quem a nossa historia dará a antonomasia de *regulo portuguez*; porque assim como o heroe romano antes quiz soffrer tyranna morte em Carthago do que tolerar que os seus fizessem a paz sob ignominiosas condições pelo resgatar, o infante portuguez preferiu morrer nas angustias e dores do captiveiro ao ver restituida aos barbaros a praça de Ceuta. O sobrinho destes principes illustres e filho d'elrei D. Duarte, Affonso o 5.^o do nome, appellidado depois o *africano*, proseguiu com affinco os designios dos seus ascendentes; e com effeito para um povo guerreiro, que com tanta gloria expulsára do territorio proprio os sectarios do Alcorão, vivas ainda as dolorosas recordações do tempo do captiveiro, não havia maior incentivo do que guerrear os inimigos, demanda-los em seus paizes, vingar passadas injurias, e até se fosse possivel extermina-los; o que tudo bem se combinava com o espirito aventureiro daquella epocha, porque se buscavam empresas perigosas, aniquilando-se ao mesmo tempo os implacaveis adversarios da fé christã. Sobresabiam no meio destas considerações então populares, outras de mais subida politica. Tinham visto os portuguezes, meditando na historia, que a traição do conde Julião, governador da costa meridional da Hespanha e da Mauritania Tingitana (*), entregando as praças de Ceuta e Tangere aos sarracenos lhes franqueára entrada na peninsula. Portanto as cruzadas que fizeram contra a mourama não eram motivadas simplesmente por impulsos do espirito religioso, mas tambem por necessidade da propria segurança, e por especulação de futuro commercio. Nesse tempo os nossos antepassados olhavam para a Africa, então conhecida, como para um monstro de abominavel e agourenta catadura, e não podiam distrahir os seus cuidados e ambições senão encaminhando-se áquella conquista, que os livrava, conseguida que fosse, de poderoso inimigo, e lhes facilitava grandes e preciosas acquisições. Será talvez hoje problema politico, se mais vantajoso nos teria sido subjugar a Africa, se colonisar o Brasil? — Se lucrariamos mais com o commercio da Asia, sumidouro de gente e de dinheiro, porque as armadas que se preparavam para a Asia se apromptavam com os recursos de Portugal europeu; se estabelecendo nosso dominio e por consequencia nossa industria e commercio nessas partes da Africa occidental, regadas tantas vezes com o nosso sangue?.. — Uma nação poderosa, colonizando Argel, resolverá o problema. Não nos faz peso o dizer-se que as progressivas descobertas futuras inutilisariam esses nossos estabelecimentos africanos; porque se nós as não houvessemos feito, quantos seculos seriam precisos para apparecer um Cook?.. Emquanto os hespanhoes aventureiros luctavam com immensas difficuldades, certa estaria a nossa preza, e seguros os nossos lucros. Entendam porem os nossos leitores que não passa isto de meras conjecturas, que entregamos á consideração dos que profundam a philosophia da historia. Comtudo sempre citaremos D. Fernando de Menezes, governador que por 6 annos foi de Tangere, no paragrapho em que diz que os nossos maiores — «divertidos com outros descobrimentos largaram por esperanças remotas os augmentos que assegurava a conquista da Africa fertil e visinha; se com bom ou mau conselho não determinaremos resolver.» — Hist. de Tangere pag. 16.

(*) Tangere ou Tanger, como escrevem modernamente, era a capital daquella parte da Mauritania, denominada *tingitana*, que deu que fazer ás victoriosas armas romanas.

Já nos fins do seculo 12.^o achâmos que o celebre D. Fuas Roupinho commandando a armada portugueza empregára contra a praça de Ceuta o seu valor decisivo por duas vezes, tomando n'uma dellas grande quantidade de navios mouriscos. Ceuta veio a final a cabir em nosso poder: e em 30 de Setembro de 1458 partiu D. Affonso 5.^o do porto de Setubal com 200 velas, mas não podendo avassallar Tangere, contentou-se com a importante tomada de Alcacer-Ceguer, e recolheu-se depois ao Algarve: em 1463 embarcou-se de novo com o mesmo intento; malogrou-se porem a tentativa com perda de gente em que entraram muitos nobres, e talvez por demasiado arrojado do infante D. Fernando. Em 15 d'Agosto de 1471 sabiu de novo D. Affonso, e deste commettimento ficou victorioso, porque tomada Arzilla, praça de grande monta, tal foi o terror que entrou nos mouros, que desampararam Tangere, e aos 28 d'Agosto de 1471 occuparam os nossos esta cidade, indo á sua frente o principe D. João, depois rei, segundo do nome.

Noticiar os varios successos das nossas armas em Tangere, depois que a adquirimos, fôra occupar longo espaço; remettemos os curiosos para a historia especial escripta por D. Fernando de Menezes, e bastará aqui dizer que esta praça foi um theatro e uma eschola de valor portuguez, onde se adestraram valentes cavalleiros, progenitores d'algumas familias illustres do nosso reino; e os seus descendentes bem devem saber que pezado encargo lhes legaram com seu nome esses heroes.

Ainda em 1657 soffreu Tangere um cerco, posto pelos mouros, pertinazmente empenhados em nos desalojarem, scientes da luta que então contra Castella sustentavamos: mas foram repellidos, e o territorio adjacente desaffrontado, quasi nas vesperras de perdermos voluntariamente por cessão, nascida de tratados, uma possessão que com tanto sangue e prodigios de valor tinhamos sustentado. — A rainha D. Luiza, regente na menoridade d'elrei D. Affonso 6.^o, julgando necessario o auxilio ou favor da Inglaterra contra a Hespanha ajudada pela Austria, assentou que o casamento da infanta D. Catharina com o rei Carlos 2.^o d'Inglaterra seria um vinculo que mais estreitaria a nossa alliança com a Graã-Bretanha; mas este casamento celebrou-se sob condições para nós onerosas, e a titulo de dote nos levou a corôa ingleza as importantes praças de Bombaim na India oriental, e de Tangere na Africa. Porem os inglezes só de 1662 a 1685 conservaram esta ultima possessão: tomaram posse della, tendo-a ambicionado como *um Gibraltar anticipado*, despenderam enormes quantias para a fortificar a seu modo, e tambem para fabricar um molhe de rochedo, que fica junto á cidade da parte de poente para levante, ainda que neste ponto foram inuteis as despezas (*), peleijaram com os marroquinos em diversos encontros com varia fortuna; mas vendo que baldavam os esforços, e que não obstante a excellencia da posição de Tangere, os contínuos commettimentos dos naturaes do paiz os punham em continuo sobresalto, obrigando-os a perennes gastos, que não podiam compensar, abandonaram a praça, dismantelando previamente as fortificações, demolindo os edificios, e recolhendo todas as munições de guerra e bocas de fogo, de modo que ficou a cidade como se a ira de Deus se tivesse descarregado sobre ella. Porem os mouros desaffogados e livres do terror que lhes incutia o nome portuguez, e desembaraçados dos novos hospedes, festejaram esta demolição como um triumpho, toman-

(*) Vide citada historia de Tangere por Menezes, quasi no fim.

do posse das poucas habitações que tinham ficado de pé, construindo outras, e arvorando a lua mahometana nos logares onde se hasteára a cruz.

O aspecto de Tangere vista de longe é igual ao de outra qualquer grande povoação musulmana; os seus edificios são pouco notaveis, todavia no cabeço que fica a cavalleiro da cidade, ha a cidadella ou kasha, que apesar do presente estado de ruina, e de ter sido construida sem plano, porque torreão, muros, parapeitos, tudo parece feito ao acaso e confusamente, é um monumento da architectura mourisca, de que appresentámos aos leitores uma amostra na estampa, que representa o vestibulo ou entrada da Casa do Thesouro, alli situada.

(Continuar-se-ha.)

EPITAPHIOS ANTIGOS.

(Colligidos por um curioso no seculo de quinhentos.)

3.º

No caminho de Loures, entre Santo Adrião e Friellas, está um chafariz antigo com umas letras, que dizem

A quem isto bem parecer
Um Pater Noster me póde dizer.

Na villa d'Alverca, debaixo do campanario, no campal de Rodrigo Alvares Vogado, se vê uma sepultura com letras, que dizem

Aqui jaz quem nunca jouvera,
Se a Deus aprouvera.

Na cidade de Leiria, no mosteiro de S. Francisco, entrando pela portaria, está um moimento, e sobre elle um cavalleiro armado com letras, que dizem

Eu fui muito honrado,
E servido de muitas gentes,
E vejo-me só enterrado
Aqui comido de serpentes.

Na capella mor do dito mosteiro se achou uma pedra sotterrada, que tinha um letreiro antigo, o qual diz

Adelantado me deram,
Os meus feitos me levaram,
E os mortos se verão só,
E quem vier verá este pó.

No mesmo mosteiro, em uma capella, está uma sepultura, que tem umas letras muito velhas, as quaes dizem

Aqui jaz João Bicudo Mociço
Christão per lei,
Cavalleiro mui sizudo
Fidalgo da casa d'elrei.

No mosteiro de S. Domingos de Abrantes está uma sepultura raza, que diz

Aqui jaz Pero Castanho descansando, pois
em vida nunca descansou.

Na mesma villa d'Abrantes está uma cruz de pedra da igreja de N. S.^a, pegado com a Misericordia,

ao pé da qual está um letreiro de letras romanas bem feitas, que diz

Chegamos ao porto
Desta vida mui cansada:
Fizemos aqui esta casa,
Em que estamos agasalhados:
Daqui havemos de passar
Onde havemos de ser julgados:
Levando este signal
Não seremos condemnados.
= Margarida de Meira. =

Em S. Domingos da cidade do Porto, ao pé do pulpito, está uma sepultura, que diz

Aqui jaz Martim Corvo, que morreu fallando,
e viveu mudo.

Em Santa Clara de Villa do Conde está um moimento antigo de obra muito lustrosa, e nelle pintadas umas figuras, que mostram ser marido e mulher, com o letreiro seguinte

Pues que no tengo poder, señoira, de partir,
de vos amar y querer, por veros quiero morir.

Fazendo-se o mosteiro de N. S.^a da Graça da cidade d'Evora foi achado um letreiro ao abrir dos alicerces, escripto em letras arabicas, que dizia

Aqui jaz Albame, mais valente que Annibal,
e mais rico de mulheres que Muça, e de ouro do que foi Segismundo: e como morreu, tudo deixou.

Na cidade de Faro está uma sepultura que tem em cima um escudo com umas letras antigas, que dizem

Aqui jaz Pero cavallo
Dos mais ricos do seu tempo;
Não conheceu pai nem mãe,
Senão a em que está sepultado.
E por ser muito avarento,
Morreu sem testamento.

Letreiro do conde D. Nuno Alvares Pereira no Carmo de Lisboa.

Nun'Alvares Pereira,
Condestabre de Portugal,
Jaz aqui desta maneira,
Que foi na batalha real,
A mais singular bandeira.
Capitão mui valeroso,
É por tal mui conhecido,
O qual nunca foi vencido,
Mas sempre victorioso,
Dos inimigos mui temido.

Titulo da sepultura do governador D. Henrique de Menezes, que está na capella de Cananor

O mais alto cavalleiro,
Mais romano governador,
Mais humano e mais parceiro,
Esquecido do derradeiro,
Em tudo de mór primor,
Foi aqueste que aqui jaz
Dom Anrique de Menezes
Pera a guerra e pera a paz,
E viveu tão poucos mezes.

PODER MARITIMO DE PORTUGAL NO SECULO 16.^o

DEBAIXO d'este titulo foi inserto neste Jornal N.^o 161 um curioso artigo, em que, para dar uma idéa da nossa força naval nesta gloriosa epocha, se offerece uma abreviada relação das armadas, que neste seculo mandámos á India; mas como ao mesmo tempo que os nossos maiores firmavam o nosso poder na India, se não descuidavam das conquistas d'Africa,

dos descubrimentos e segurança do Brazil, das descubertas do Norte, das relações com a Europa, ampliaremos aquelle artigo com outra abreviada noticia das armadas que elrei D. Manuel enviou para tão varios destinos na primeira quarta parte do mesmo seculo 16.^o; e então poderemos concluir, que immensos recursos pôde tirar d'um reino pequeno, e com ainda nascentes conquistas, o grande genio d'aquelle monarcha.

<i>Epochas.</i>	<i>Para onde.</i>	<i>Capitães-móres ou chefes.</i>	<i>Vellas.</i>
1495	Africa, com abastança de cavallos, gente de pé e artilheria	Não diz	Não diz.
1501 Junho 15	Em soccorro dos venezianos	Conde de Tarouca	30.
1501	Em descuberta para o polo do Norte	Gaspar Córte-Real	1.
1501	Para Africa	Não diz	Não diz.
1502	Á descuberta do Norte em busca do irmão	Miguel Córte-Real	2.
1503 Junho 10	Para o Brazil, Terra de Santa-Cruz	Gonçalo Coelho	6.
1504	Reino do Congo	Não diz	Não diz.
1507	A cruzeiro, e depois ajudar a tomada de Safim	Rodrigo de Mello	Não diz.
1507	Para sondar a barra d'Azamor e outras	D. João de Menezes	4.
1508 Julho 26	Contra Azamor, que se malogrou, com 400 cavallos e 2:000 bésteiros	D. João de Menezes	50.
1510	Para Safim [« N.B. » Com esta esquadra sahiram mais tres para a India no mesmo anno]	Nuno Fernandes d'Attaide	Mais de 30.
1512	Para Safim com 200 cavallos	D. Luiz de Menezes e o prior do Crato	Não diz.
1512	Para Safim com 100 cavallos	Nuno da Cunha	Não diz.
1513 Agosto 17	Para a tomada d'Azamor, Tite, e Almedim [« N.B. » levava 18:000 homens de pé, 2:500 cavallos, e foi aranjada em quatro mezes!	D. Jaime de Bragança	Mais de 400.
1514	Roma, porto d'Hercole, com a embaixada de	Tristão da Cunha	Não diz.
1515 Junho 13	Para o reino de Fez a fazer uma colonia no rio Almanza [« N.B. » Na retirada deram 100 á costa e se perderam 4:000 homens, sendo a maior perda que soffreu o reinado de D. Manuel.	D. Antonio de Noronha	Mais de 200.
1517	Roma com outra embaixada	Não diz,	1.
1517 Junho	Para a malograda tomada de Targa	Diogo Lopes de Sequeira	70.
1520 Abril	Tetuão	D. Pedro Mascarenhas	8.
1520	A cruzar no Estreito	Vasco Fernandes Cesar	1.
1521 Agosto 9	Para levar a infanta D. Brites aos estados de Saboia [« N.B. »] Todas de alto bordo, entre ellas 4 náus grossas, 2 galeões, e a capitania Santa-Catharina de mil toneis	Conde de Villa-Nova de Portimão	18.
1521	Contra os piratas	Simão da Cunha	Não diz.
Sommão as sahidas =			821.
Com as que neste reinado foram á India =			272.
			1:093.

PLANTAS CONHECIDAS.

AS ESPECIES de plantas conhecidas até agora pelos botanicos montam ao numero de 44:000. Nesta conta entram 6:000 de genero *criptogamo*, isto é, sem flor, semente, ou fructificação visivel. As 38:000 restantes são todas *phanerogamas*, isto é, que teem flor ou órgãos visiveis de fructificação, e acham-se distribuidas pelo seguinte modo.

Na Europa	7:000
Regiões temperadas da Asia	1:500
Asia entre os tropicos	4:500
Na Africa	3:000
Nas duas zonas temperadas da America	4:000
America entre os tropicos	13:000
Nova Hollanda ou ilhas do Pacifico	5:000